

UMA VIDA PELA LINGUAGEM

AGUSTINI, C.; RODRIGUES, E. (Orgs.). *Uma vida pela linguagem: homenagem a Émile Benveniste*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar (BENVENISTE, 2006[1970], p.81).

A epígrafe que selecionamos para iniciarmos essa resenha encontra-se no artigo “O aparelho formal da enunciação”, de Émile Benveniste, publicado em 1970. Nela, Benveniste enfatiza a necessidade de se insistir na diferença entre “emprego das formas”, modo semiótico, e “emprego da língua”, modo semântico. Essa distinção, que estabelece dois modos distintos de significância na língua, foi instituída pelo autor ao longo de sua teorização e evidencia duas perspectivas distintas de descrição e de interpretação. Nos dizeres do autor: “Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante” (BENVENISTE, 2005[1962], p.139). Em suas reflexões, Benveniste, considerando como inextricável a relação entre esses dois domínios, coloca-se contrário às perspectivas linguísticas que expurgam o sentido, dado que, para ele, de qualquer ponto em que se analise a língua, “essa cabeça de medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (BENVENISTE, 2005[1962], p.135).

Situando o mote dessa epígrafe, entrevemos que os dizeres nela reunidos em muito se articulam às discussões apresentadas no livro “Uma vida pela linguagem: homenagem a Émile Benveniste”, organizado por Cármen Agustini (UFU) e Eduardo Rodrigues (UNIVÁS). Esse livro, constitui, do nosso ponto de vista, um acontecimento na Linguística e um encontro feliz aos interessados pela obra de Benveniste. Nele é possível contemplar reflexões importantes que partem da teorização desse autor e analisar modos distintos de ler

Benveniste hoje, mais de quatro décadas após o seu falecimento e em um cenário linguístico bastante distinto de quando cunhava suas elucubrações. Os organizadores, na Nota Prévia da obra, ponderam sobre a singularidade e a importância da teorização benvenistiana para os estudos da linguagem e finalizam dizendo: “Desejamos aos nossos leitores que a sua leitura lhes seja a abertura de um importante horizonte de reflexão” (2018, p.10). Assim, eles nos convidam à leitura desse livro que reúne, além da Apresentação redigida por Elvira Narvaja de Arnoux, dez capítulos, sendo eles escritos, respectivamente, por: Eduardo Guimarães; Jean-Claude Coquet; Cármen Lúcia Hernandes Agustini; Eduardo Alves Rodrigues; Jean-Michel Adam; Luciana Nogueira; Bethania Mariani e Maria Claudia G. Maia A. do Brasil; Maria Inês Pagliarini Cox; Sheila Elias de Oliveira; e Luiz Francisco Dias. Esse livro integra, assim, reflexões de estudiosos do Brasil e do exterior sobre a obra desse grande linguista, que imprimiu em seus estudos uma nova forma de descrever e de interpretar a linguagem.

Na “Apresentação”, Elvira Narvaja de Arnoux expõe-nos um panorama geral da obra, circunstanciando a relevância dos estudos benvenistianos tanto no âmbito das ciências da linguagem quanto no âmbito das ciências humanas, dado que esse estudioso, em sua teorização, tributário, em certa medida, ao programa saussuriano, estabelece, dialogando com outros campos do saber, as bases de uma Linguística do Discurso. Diríamos mais: Benveniste, muito à frente de seu tempo, por interessar-se em analisar o poder significativo da linguagem, não poderia limitar-se ao estudo da língua estrita em si, desconsiderando o homem e os aspectos histórico-culturais da língua. Por isso, funda uma Linguística distinta daquela de seu tempo; funda uma “outra maneira de ver as mesmas coisas” (BENVENISTE, 2006[1970], p.81) a partir do viés da significação.

O primeiro capítulo do livro, de autoria de Eduardo Guimarães, intitulado “O interesse de Benveniste”, é inovador no modo de ler Benveniste hoje. Adotando como ponto de vista a História das Ideias Linguísticas, Guimarães volta-se à análise da obra de Benveniste considerando-a um acontecimento na história da Linguística e na história das ciências humanas. Adotando como ponto de partida de sua análise o acontecimento decisivo da distinção benvenistiana dos dois modos de significância da língua, o modo semiótico e o modo semântico, Guimarães analisa os textos reunidos na seção “O homem

na língua” dos *Problemas de Linguística Geral I*; e os artigos “Os níveis da análise linguística” (1962) e “Natureza do signo linguístico” (1939), além de outros, assumindo-os como acontecimentos. No que concerne aos artigos presentes na seção “O homem na língua”, Guimarães ressalta que neles Benveniste focaliza suas análises nas relações subjetivas marcadas na língua – paradigmáticas. Por seu turno, no artigo “Os níveis da análise linguística” (1962), Benveniste relaciona forma (divisão) e sentido (integração). Já no artigo “Natureza do signo linguístico” (1939), Guimarães aponta que, embora o acontecimento da distinção entre semiótico e semântico não esteja ainda nomeado, encontra-se em operação na teorização de Benveniste. Nos dizeres de Guimarães: na obra de Benveniste há “um trabalho permanente em torno da questão da estrutura da língua e da produção do sentido” (p.39), sempre a partir do duplo funcionamento da língua. Segundo Guimarães, a distinção empreendida por Benveniste entre semiótico e semântico funda sua teorização sobre a linguagem e propicia os fundamentos de uma nova semiologia geral. Voltando-se para a análise de outros acontecimentos na obra de Benveniste, tal como a edição póstuma do *Dernières Leçons* (2012), bem como a publicação de *O vocabulário das instituições indo-européias* (1969), Guimarães salienta que, mesmo nessas obras, o acontecimento da formulação semiótico-semântico, o qual posteriormente será denominado *relação de interpretância*, está em operação nas análises empreendidas por Benveniste, isso porque, conforme Guimarães assevera, “o que ele [Benveniste] faz é um trabalho permanente de teorização que se desenvolve na medida em que as análises das línguas exige” (p.53). Isto posto, o modo de ler Benveniste empreendido por Guimarães contrapõe-se a leituras reducionistas do trabalho desse linguista, as quais, por exemplo, não consideram a produção desse autor como teorização e não veem coerência no conjunto de sua obra. Guimarães, em seu capítulo, abre um novo horizonte de reflexão e de análise dessa teorização, a qual, segundo ele, foi se “desenhando”, se “construindo” nessa “prática de análise que articula sempre o processo de descrição com a necessidade de teorização” (p.55). É possível compreender, então, da perspectiva aberta por Guimarães, que o fazer científico, do ponto de vista de Benveniste, é provisório, dado que a prática de análise e de descrição das línguas leva-o a resultados outros que demandam

teorização; e que a coerência do discurso benvenistiano é produzida pelo ponto de vista a partir do qual elege analisar, a significação.

Jean-Claude Coquet, da Université de Paris VIII, apresenta, em seu texto “Benveniste e o conceito de indução: as relações de interpretância e de integração”, de que modo, do seu ponto de vista, Benveniste emprega em sua teorização o método indutivo. Segundo Coquet, Benveniste, ao considerar que a experiência se inscreve na língua, lança mão do emprego desse método em suas descrições. De acordo com Coquet, esse ponto de vista adotado por Benveniste vai na contramão de outros estudiosos da época, os quais, movidos pelo desejo de cientificidade, privilegiaram o método dedutivo. Diz Coquet: “a experiência é o ponto a partir do qual se convoca a indução” (p.59). Na sequência, o autor retoma a obra *Dernières leçons* (2012) e a relação aí estabelecida por Benveniste entre língua, escrita e fala; sendo o sistema interpretante, a língua, e os sistemas interpretados, a escrita e a fala. Contudo, conforme Coquet, o caminho de análise percorrido por Benveniste parte da escrita, o interpretante, para o interpretado, a língua. Ele afirma:

redesenhamos a cadeia a partir do ponto de partida, a escrita:
<escrita → fala → língua → sociedade → natureza (*phusis*),
cultura (*logos*)>. A abordagem própria de Benveniste toma,
então, apoio sobre o método indutivo (p.65).

Segundo Coquet, a escrita, por autosesmiotizar a língua, expõe a relação de integração no plano gramatical e a relação de interpretância no plano semântico, as quais se integram pelo método indutivo. A leitura empreendida pelo autor do capítulo é arrojada, dada a complexa inversão da cadeia anteriormente apresentada. O método indutivo implica generalização de um resultado provisório, perspectiva que, aos leitores da teorização benvenistianiana, apresenta-se incongruente, haja vista o método de reconstrução semântica por ele mobilizado. É válido lembrar que Benveniste centra sua teorização no estudo da significação implicada no funcionamento da linguagem. Nesse funcionamento, a relação língua-homem-cultura, nessa teorização, é constitutiva, o que inviabiliza desde o início generalizar. Contudo, na análise de Coquet, o resultado provisório obtido por Benveniste em suas descrições serve só e somente só para o caso específico de uso da língua

em análise, não produzindo, assim, uma generalização para toda e qualquer ocorrência semelhante.

Cármen Agustini, no terceiro capítulo do livro, intitulado “Émile Benveniste: o duplo funcionamento da língua no discurso”, apresenta-nos, por meio de referências cruzadas, como se dá o processo de conversão da língua em discurso nessa teorização e como os conceitos benvenistianos de história e semantismo social estão implicados nesse processo. Com relação à história, Agustini assevera que o sentido é construído a partir das redes relacionais. Já com relação ao semantismo social, a autora pondera que é ele que “viabiliza a estabilidade do sentido, tornando-o re-produzível em e por meio de outras enunciações” (p.71). Após precisar alguns conceitos benvenistianos, tais como língua, linguagem, cultura, personalidade, entre outros, Agustini volta-se à especificação da dupla natureza da língua proposta por Benveniste, o plano semiótico e o plano semântico. Baseando-se em Benveniste, segundo a autora,

não há como revogar a destinação da língua: ela é forma e sentido com dupla função linguística: significar para distinguir e (re)conhecer os signos linguísticos e seus valores relativos no plano semiótico e compreender para ‘comunicar’ e *trocar* mensagens e, assim, veicular sentidos, no plano semântico (p.80).

Em virtude dessa natureza e da relação de interdependência entre língua-sistema e língua-discurso, Agustini assevera: “o sentido não é intrínseco à forma; é relacional e, por ser relacional, é equívoco” (p.79). De modo a evidenciar esse caráter, a autora analisa três textos em Língua Portuguesa de modo a dar a ver o funcionamento semiótico-semântico da língua no discurso e a implicação da história e do semantismo social nesse funcionamento. Ao final, ela conclui: “o sentido é relacional e histórico e, por isso, está em relação de dependência à situação de discurso, à experiência de linguagem e ao repertório dos co-locutores” (p.92); é relacional, porque é equívoco; é histórico porque (com)porta certa estabilização que permite a comunicação. A leitura empreendida por Agustini da obra benvenistiana, nesse e em outros artigos, sem dúvida, destaca-se entre aquelas que, de modo muito significativo, reatualizam a produção desse

linguista, desvinculando-a dos reducionismos aos quais é comumente discursivizada e instaurando novos modos de ler/compreender seus conceitos e suas filiações. Ao estabelecer referências cruzadas e ao considerar a obra de Benveniste como teorização que vai se tecendo ao longo dos anos, a autora instaura um ponto de vista que a permite empreender reflexões que dão visibilidade à complexidade dessa teorização, bem como atualizam os modos de ler-interpretar essa linguística que, colocada no centro das ciências humanas, centra seu interesse nas relações de linguagem, isto é, na significação.

O capítulo “A noção de simbólico em Benveniste: um percurso pelos PLG”, de Eduardo Alves Rodrigues, por seu turno, analisa de que modo a noção de simbólico é delineada por Benveniste na primeira parte dos *Problemas de Linguística Geral I e II*, intitulada “Transformações da linguística”. Segundo Rodrigues, o modo como essa noção é concebida na obra de Benveniste possibilita-o (des)filiar-se do estruturalismo em voga na época e fundar uma concepção de linguagem própria, na qual está implicada a subjetividade. Voltando-se para a análise das formulações de Benveniste nas quais o significante “simbólico” opera, o autor busca compreender, baseando-se metodologicamente em Pêcheux, os efeitos de sentidos produzidos no fio discursivo dessas formulações. Em sua análise, Rodrigues assinala que a faculdade de simbolizar, em Benveniste, sendo inerente ao homem, “constitui a base comum que estrutura e organiza pensamento, linguagem e sociedade” (p.101). Essa base comum, a língua, no jogo entre o plano semiótico e o plano semântico, coloca em funcionamento o poder da significação. A leitura-interpretação empreendida por Rodrigues nesse capítulo, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso, focalizando as redes relacionais de sentidos que, nas formulações benvenistianas, engendram a noção de simbólico, ilustra as várias possibilidades de entrada na teorização de Benveniste. Ao focalizar sua análise na noção de simbólico nessa teorização, Rodrigues volta-se à compreensão, por meio do jogo parafrástico, da significação, a qual sustenta todo o projeto linguístico empreendido por Benveniste e o distingue das perspectivas dominantes em sua época. Isso mostra o caráter autoral da obra de Benveniste.

Jean-Michel Adam, no quinto capítulo desse livro, intitulado “O programa da ‘translinguística dos textos, das obras’ e sua recepção no limiar dos anos 1970”, propõe, delineando a teoria do texto e do

discurso a qual pratica, ler o programa benvenistiano e analisar sua recepção por Meschonnic, Todorov, Kristeva e Barthes. Voltando-se, primeiramente, à análise do artigo “Semiologia da língua” (1969) de Benveniste, Adam debruça-se sobre a delimitação dos dois modos de significância da língua, o modo semiótico e o modo semântico, a fim de compreender a possível relação entre esses modos com a indicação de Benveniste, ao final do referido texto, de uma translingüística dos textos, das obras. Para Adam, a Linguística do sistema (semiótico), a Linguística da enunciação (semântico) e a Translingüística dos textos, das obras (metassemântica) constituiriam a base da Linguística do Discurso proposta por Benveniste. Na sequência, o autor analisa as recepções da obra benvenistianiana por alguns autores, os quais contribuíram para a elaboração de sua teoria do texto e do discurso. Primeiramente, Adam retoma a ‘teoria do discurso’ proposta por Tzvetan Todorov, a qual delimita o discurso como “o que está além da língua, mas abaixo da enunciação”, bem como circunscreve a análise aos gêneros. Em relação à ‘semanálise’ de Julia Kristeva, a qual se baseia em Benveniste e na metapsicologia de Freud, Adam salienta que o seu centro é o conceito de texto e que, por isso, suas preocupações extrapolam a linguística. Por fim, o autor retoma Roland Barthes, que defende a ideia de uma ‘segunda linguística’ a partir de Benveniste, a linguística do discurso ou translingüística, a qual deveria ser situada na retórica. Em sua conclusão, Adam apresenta sua proposta teórica de desenvolvimento da translingüística indicada por Benveniste, uma *análise textual dos discursos*, “teoria geral que versa tanto sobre a descrição e a definição das diferentes unidades como sobre as operações de textualização que, em todos os níveis de complexidade, os enunciados portam o traço” (p.141). Logo, Adam propõe, a partir da teorização de Benveniste, o desdobramento dessa para uma “nova” teoria linguística que abarca o texto e o discurso. “Nova” não no sentido de inédita, dado que há indícios nessa teorização dessa possibilidade, mas “nova” no sentido dado por Adam no que concerne à “análise textual dos discursos”, a partir da qual delinea as possibilidades de descrição de novas unidades para além da frase. A proposta de Adam é inovadora e coaduna com o possível interesse de Benveniste pela poética, quando das notas sobre a obra de Baudelaire (cf. BENVENISTE, 2011). A argumentação do autor demonstra o universo

de possibilidades que a teorização benvenistiana deixa vislumbrar no âmbito linguístico.

Em “Reflexões em torno do conceito de *arbitrário* em Saussure e Benveniste”, Luciana Nogueira apresenta-nos suas reflexões sobre o conceito em questão no interior da teorização desses dois linguistas. Primeiramente, a autora volta-se à obra de Michel Bréal, a qual possui relação com os desenvolvimentos posteriores do conceito. Nas análises das formulações de Bréal, Nogueira salienta o aspecto convencional da língua, o qual será reelaborado por Saussure na constituição do conceito de arbitrário. Na sequência, retomando o *Curso de Linguística Geral* e os *Escritos de Linguística Geral*, a autora circunstancia a delimitação saussuriana do primeiro princípio da natureza do signo linguístico: a arbitrariedade, e sua relação com a realidade. Prosseguindo sua argumentação, Nogueira volta-se à análise das formulações benvenistianas que deslocam a formulação saussuriana. Segundo Benveniste, entre o significante e o significado, o laço é *necessário*; a arbitrariedade, para o autor, está entre o signo e o referente. Retomando as considerações de Normand e alguns apontamentos na Análise de Discurso sobre os conceitos de “arbitrário” e “valor”, Nogueira expõe as recepções e/ou compreensões dos conceitos em âmbitos distintos. Em sua conclusão, a autora assevera que Benveniste desloca a questão do arbitrário em sua teorização e a recoloca em virtude da *necessidade*. Interessante notar que o artigo de Benveniste que principiou toda a polêmica entorno da arbitrariedade saussuriana foi publicado em 1939 e republicado pelo autor 27 anos depois, em 1966, nos *Problemas de Linguística Geral I*. No prefácio dessa obra, Benveniste diz que esse texto “provocou vivas controvérsias e deu origem a uma série de artigos” (Prefácio PLGI), mesmo assim ele opta por republicá-lo sem qualquer alteração. Esse gesto, em si, constitui desde já um acontecimento importante: o ponto de vista posto por Benveniste em 1939 não se altera, dado que nele já se esboça traços essenciais de sua teorização. A filiação de Benveniste a Saussure é um dado, mas a questão é que essa filiação não é servil: Benveniste considera o que Saussure propõe, mas não se limita a reproduzi-lo; os interesses que os dois possuíam eram distintos. Nessa medida, o retorno de Nogueira à análise desse tema é muito importante para, mais uma vez, delimitar-se as relações e as fronteiras que separam esses dois teóricos.

Bethania Mariani e Maria Claudia G. Maia A. do Brasil, no capítulo “Significância e enunciação na experiência de linguagem de Benveniste e Lacan”, analisam os conceitos de enunciação e significância em alguns textos dos dois autores, expondo o que há de específico em cada um, haja vista seus objetivos e seus campos teóricos distintos, bem como os equívocos possíveis se compreendidos como sinônimos. De acordo com as autoras, o contato entre Benveniste e Lacan se deu no final da década de 50, sendo que, cada qual com suas preocupações, em seus campos específicos, partilhavam, em reuniões de trabalho, o interesse de discutir sobre o estruturalismo e as ciências humanas. As autoras discorrem sobre a relação entre os dois autores, retomando formulações nas quais Lacan cita Benveniste, e o ponto de (des)união entre os campos, haja vista os objetivos distintos sobre os quais edificaram suas teorizações. Analisando os conceitos de significância e enunciação em Benveniste, Mariani e Brasil assinalam: “a língua se semantiza na enunciação, e, assim, é o que permite levar à análise da significância” (p.187-188). A significância refere-se à propriedade de significar da língua, a qual, quando convertida em discurso, gera o que Benveniste denomina enunciação. Já para Lacan, conforme as autoras, a significância refere-se a algo além da significação; ela “tem efeito de significado” (p.192), mas, diferentemente do significado que faz Um, a significância faz furo. Nas palavras das autoras: “a enunciação do campo lacaniano é aquela, portanto, que encena os significantes inconscientes do sujeito e que permite dizer em um dito aquilo que se apresenta interdito: eis a função da significância” (p.192). Ao final, Mariani e Brasil ponderam que, em virtude de estarem em campos do saber distintos, Benveniste e Lacan seguem caminhos diferentes, embora o diálogo entre eles, em virtude do estruturalismo e das ciências humanas, ocorra. A relação entre Lacan e Benveniste é palco de inúmeras discussões e inúmeros equívocos. Nesse sentido, as autoras, nesse capítulo, com bastante propriedade, por inscreverem-se na área da linguística e da psicanálise, elucidam, por meio da análise das formulações desses teóricos, seus pontos de contato e de afastamento, ressaltando as especificidades de cada conceituação em virtude do campo teórico mobilizado.

No capítulo “O sujeito da enunciação: de um conceito a um valor na ‘prática de produção de texto’”, Maria Inês Pagliarini Cox ressalta que a Linguística, durante algum tempo, por dedicar-se ao estudo da forma

em detrimento do estudo dos usos da língua, manteve-se restrita à análise das formas puras. Posicionando-se contrário a essa tomada de posição, Benveniste, colocando como centro de suas preocupações a significação, abre um novo horizonte à Linguística, ao edificar uma teorização que permite voltar-se à análise da enunciação e do discurso. Segundo Cox, no Brasil, na década de 1970, a Linguística proposta por Benveniste surge como teorização importante para se pensar o ensino de escrita. Em vista desse cenário, a autora propõe analisar de que modo a teorização benvenistiana e a pedagogia crítica concebem o ‘sujeito’ e como essas concepções afetam o processo de ensino e de aprendizagem. Passando em revista pela teorização benvenistiana, Cox assinala que a subjetividade constitui o centro dessa teorização e que a concepção de sujeito é revestida de um tom humanista, não científico. Por seu turno, a autora retoma a concepção de sujeito para a pedagogia crítica, segundo a qual alunos e professores possuem o direito de serem ‘sujeitos de’, de assumirem a função de ‘sujeitos’ nesse processo; sujeitos críticos que reivindicam “uma prática educativa transformadora” (p.211). Em vista desse delineamento, Cox apregoa uma convergência entre as concepções de sujeito na teorização benvenistiana e na pedagogia crítica, no que concerne à prática de produção de textos. Voltando-se sobre as formulações de pesquisadores importantes sobre a prática de produção de textos, como Pécora, Geraldi e Rocco, Cox aponta de que modo essa prática, quando falseada em seu caráter intersubjetivo, anula o sujeito em prol de uma atividade linguística artificial. A argumentação apresentada pela autora é relevante, dado que nos permite analisar os deslocamentos pelos quais a teorização benvenistiana foi submetida para se (re)pensar o contexto de ensino de escrita e as relações (inter)subjetivas implicadas. É válido ressaltar, como pontuou Cox, que, na pedagogia crítica, o sujeito é compreendido como indivíduo; já em Benveniste, o conceito de sujeito refere-se a uma posição adotada no discurso, o que não se atrela necessariamente a seres reais no mundo. Além disso, por propor uma Linguística cujo centro de interesse é a significação, a teorização benvenistiana sobre sujeito vai muito além das marcas enunciativas que evidenciam sua presença no discurso.

Sheila Elias de Oliveira, no capítulo “Linguagem, interdição e subjetividade em Benveniste”, analisa os textos “O homem livre”, presente no *Vocabulário das Instituições Indo-européias I*, e “A

blasfemia e a eufemia”, republicado no *Problemas de Linguística Geral II*. Nesses textos de Benveniste, Oliveira busca refletir sobre a concepção de sujeito da enunciação, no bojo dessa teorização, tendo em vista seu caráter social e inconsciente. Segundo a autora, essa concepção tem sido lida de modo muito reduzido, desconsiderando o movimento teórico empreendido pelo autor em sua reflexão sobre o funcionamento da linguagem. Em “O homem livre”, Oliveira destaca o fato de Benveniste tratar os “estatutos sociais” como instituições, fato que os retira de seu efeito de evidência e os coloca como construções humanas. Nesse texto, Oliveira salienta que a análise de Benveniste da oposição livre-escravo no indo-europeu nos conduz à reflexão de que esse par opositivo, em seus usos, resguarda uma relação antitética, a qual coloca na base da intersubjetividade a relação indivíduo e sociedade. No artigo “A blasfemia e a eufemia”, segundo Oliveira, Benveniste considera a blasfemia – substituição do “nome de Deus por sua injúria” (BENVENISTE, 2006[1966], p.259-262) – como expressiva e não comunicativa. A eufemia, por seu turno, refere-se à censura suscitada pela blasfemia. Oliveira destaca o fato de que, em sua análise,

Benveniste dá visibilidade ao funcionamento inconsciente da linguagem, e também ao funcionamento coercitivo da sociedade. Ele expõe a desigualdade dos sujeitos enquanto falantes, e os movimentos de imposição e de resistência não consensuais pela linguagem (p.233).

Em vista dessas considerações, a autora analisa, a partir do ponto de vista da Semântica do Acontecimento em diálogo com a Análise de Discurso, interditos relacionados ao verbete “câncer”, por meio dos quais identifica, em seus empregos, diferentes eufemismos. As considerações de Oliveira são extremamente relevantes ao desmistificar, a partir de uma leitura atenta e perspicaz da teorização benvenistiana, o conceito de sujeito como “indivíduo uno, inteiro, que se apropria da língua ao enunciar” (p.227) e ao assinalar a relação entre indivíduo e sociedade como base da intersubjetividade (p.230).

No último capítulo do livro, intitulado “Da composição nominal à formação nominal: forma linguística e enunciação”, Luiz Francisco Dias, baseando-se na concepção benvenistiana de “papel transformador

dos compostos nominais”, analisa compostos nominais no português formados a partir do formante -metro. De acordo com Dias, em seus estudos, “Benveniste defende que o fenômeno morfológico composicional é sustentado por uma microssintaxe” (p.248), isso porque há a transformação de orações em signos nominais. A partir dessa perspectiva semântico-enunciativa, Dias analisa os compostos nominais com radical -metro e os divide em três grupos, a saber: 1) “palavras cujo radical inicial não se constitui em palavra autônoma no português” (p.251); 2) “construções nominais modernas, ainda não registradas nos dicionários do português historicamente consagrados” (p.252); e 3) “palavras constituídas em ambientes informais, e a concepção de instrumento, aparelho ou técnica vai se rarefazendo” (p.254). Em suas análises, Dias demonstra enunciativamente que as formações nominais com -metro ancoram suas significações na “relação estabelecida entre a estabilidade dos referenciais históricos e a dinamicidade das pertinências enunciativas” (p.266). De fato, a análise empreendida por Dias configura-se como inovadora no cenário dos estudos linguísticos, dado que, baseando-se em Benveniste, desloca o olhar da análise morfológica tradicional para uma análise que, a partir de parâmetros semântico-enunciativos, permite analisar a *razão enunciativa* do funcionamento das composições nominais.

Ao concluir nossa leitura e fecharmos a obra, voltamos nosso olhar à análise da fotografia de Benveniste presente na capa, cujo sorriso e gesto convidam-nos à instigante tarefa de lê-lo hoje, em um contexto distinto do de sua elaboração, mas não menos instigante. Sem perceber, encontramos-nos, assim como ele, sorrindo: a leitura dessa obra foi, com certeza, um outro feliz encontro.

Érica Daniela de Araújo

Professora no CEFET-MG – Unidade Araxá-MG
Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de
Uberlândia (UFU)

Referências

AGUSTINI, C.; RODRIGUES, E. (Orgs.). *Uma vida pela linguagem: homenagem a Émile Benveniste*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1966].

BENVENISTE, E. Os níveis da análise lingüística. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1962b], p.127-140.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2005[1974].

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1970a], p.81-90.

BENVENISTE, E. A blasfêmia e a eufemia. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006[1966], p.259-262.

BENVENISTE, E. *Baudelaire*. Paris: Lambert-Lucas, 2011.